



Por: Paulo Lacerda  
paulosd@centroin.com.br

## FIM DO AMOR?

Na varanda, apreciava os netos brincando em videogames com soldados, robôs, dragões, extraterrenos, personagens do Ben 10 e um mundo desconhecido para os da minha idade. Sabia que tinham de aproveitar, pois a moda, o hábito, acaba logo e passa aos sucessores mais tecnológicos.

Saiam tiros, socos, pontapés e arranhões nas placas dos “made in China”. Vez ou outra empurrões para as meninas, frágeis, mas ousadas. Às vezes vinham pedir socorro ao vô que parecia estar voando. Com manhas, gritavam ameaças iguais aos bonecos da tela, revividos na imaginação infantil. De repente chegamos a um Armagedon! (nada de Bruce Willis). Deus prestes à destruição das indefesas criaturas. Sem ajuda do idoso perplexo, tudo estava substituído como milagre por beijinhos, carinhos, abraços dos que amam demais. Felizes e risonhos. Eram crianças com menos de 6 anos, na fase de arrumação neuronal básica dos sentimentos e sensibilidade. Para toda a vida. Prontas para enfrentar a desintegração progressiva do ser humano. Completaram os anos previstos pela UCLA e caminham até o fim, contra a existência, inexplicável e mutável. Finalizados em crescimento passam para acomodação e a adaptação. Nestes anos de inocência aprendem uma coisa divina: o que deve ser o amor e que o ser humano não pode permitir o cárcere do amor. Deve ser livre, multifacetário, pronto para contradições, e dialética no viver ate desaparecer. Deve recordar e ouvir quem deu a sombra ou a sapiência, codificados em frases, textos, his-

toria. Passam a admirar o começo dos seres erectos, quase iguais, com biológico diferente. Deixemos os sagrados animais. Freud e similares tentaram explicar amor e sexo. Outros com o questionamento de um Deus, ritos e religiões diversas. A maioria com palavras simples que nada dizem. Assustados com a inveja, poder, riqueza, leis dos homens e da natureza. Ninguém consegue uma arrastada clarificação do amor. Imaginem então as frases esfumaçadas desta coluna mensal! Estacionamos com o que pode ser - o hábito.

Era época dos homens da caverna. A luta pela sobrevivência em que homens andavam pelas planícies dinosauricas para caçar, morrer e manter a espécie com família viva e saudável. Podiam não se comunicar direito, mas grunhiam e entendiam o cotidiano. Uma discussão terminava em lutas de clavas e o feminino feliz podia ser arrastado pelos cabelos, com força, sem consciência da violência, protegido pelos ditos trogloditas. Mulheres que milhões de anos depois ainda andam atrás dos guerreiros do deserto, não como humilhadas sexuais, mas orgulhosas e no manter a família e embates de tribos. Fortes são os dois sexos. Visões de violência e proteção, indissolúveis. Vamos encontrar a mulher medieval, restrita e enclausurada, sem quase poder sair do burgo. Sabinas abandonadas para o homem, vencedor de batalhas. Restando aumentar com novo amor, outro qualquer Cantão ou Vilarejo europeu.

Não esquecer as Amazonas, guerreiras fortes de um sistema atlético que as permitia matar, conquistar, amar, homens de terra a terra. Lembrar das bruxas feiticeiras no poder de um mal. Vamos folheando as paginas da historia e fantasmamos às vezes estas conquistas que sempre tinha como translação o perpetuar da espécie e o amor em senso lato. E Bíblia. Encontramos o amor brutal do homoerectus, o delicado das gueixas, o oferecido

pela generosidade e hábito esquimó, o dos escravos capturados e o comercial da prostituição. Tem sempre um toque sentimental o tocar pele com pele o ser humano. Atavismo, às vezes contraditório e doloroso que flutua na sensibilidade e no sonho perdido. Sofisticações de um Kamasutra definitivo com suas mordidas e unhas, o velejar através Ovídio e seus livros da Arte de amar e a doce e espiritual Hare Cristma, não compreendidos por culturas diferentes. Apreciamos a curiosidade do puro beijo na boca do Islamita em um menor, como digno premio. O cumprimentar dos beijos slavos dados por Presidente ou jogador de futebol. Um andar de mãos dadas entre sexos iguais e um Emir com justificadas mulheres em seu harem. Para alguns não se deve nem olhar os órgãos genitais dos mortos e na Indonésia a masturbação pode ser paga com a decapitação. Em Guam, virgens não podem casar. Existe o deflorador oficial, acatado pela seriedade da libertação do corpo e a entrega ao amor. Em algum lugar de Hong-kong o marido traído pode matar a mulher. A mulher traída também, só que com as suas mãos. No Irã chega-se à justiça de um amor rompido com a condenação a 99 chibatadas ou apedrejada. As mulheres atrás dos maridos estavam defendidas das mortandades. Morriam os homens felizes, e elas criando novos descendentes. Nas Américas importam ilusões em nome do amor e criam leis querendo seu controle e o seu viver. Leis que se sobrepõem a tudo misturando o exagero e doentio. O que deve ser evitado ou punido. Civilização? Às vezes sem fatos concretos aonde o principio passa a ser a denuncia da falta de amor e suas conseqüências lastimáveis. Surge o culpado antes de ser julgado. A mulher deixa de ser a força indomável que é pelo simples fato de ser mulher. Vira objeto protegido e ameaçador. Perde a dignidade nas denuncias mutáveis em suas interpretações. Ou se afunda no persecutório. Não mais a mãe, esposa, concubina, filha ou nos sexos diferentes. São coisas talvez para gáudio da Mídia sensacionalista e políticos

ambiciosos do momento de votos. Enfim, são milhares de manifestações caricatas pela intransigência na aproximação entre seres. Vão surgindo e estabelecendo moral social. A verdade se mistura com a realidade. Vamos percebendo o amor deletado no computador da vida humana. Surgem regras baseadas em conquistas científicas, absorção de preconceitos religiosos e texto das leis apressadas. Expansão de um poder gélido para controle da felicidade humana e sua restrição nesta ou aquela cultura, Surgem os políticos da moral, os castos da impossibilidade. Vão desaparecendo homens e mulheres. O beijo puro torna-se às vezes criminoso. A esposa pode sair de trás do homem e ultrapassá-lo não pela competência do trabalho, mas pela capacidade de amor calculado, falso e ginástico. Era dos anticoncepcionais, paredes de borracha, químicas, hormônios ou mecânicas utilizadas para que aos poucos esqueçam a extroversão no contato entre seres. A união em um mesmo sexo passa a ser cultura negativa para muitos. O amor suave ou intenso ainda pode descobrir o nascimento da amizade. O crescimento de Sociedades mostra a necessidade vital da troca de sentimentos. Mais forte que a fuga da sensibilidade reprimida dos alienados. As novas regras e leis tão propaladas continuam a colocar um muro nos biologicamente diferentes. O primitivo que arrastou a mulher para a caverna assim como a Amazona vitoriosa, com certeza amaram muito mais que alguns artistas perfumados das festas sofisticadas. A falta de amor surge nas normas e defesas do papel criado para manter o medo do amor.

Não consigo oferecer algo mais nestas linhas além da reflexão a não ser, o Não aceitar restrições impostas pela mediocridade. Se revoltarem. Homens e mulheres. Para a eternidade, o amor em todas as formas deve existir sem parâmetros a amizade infantil ou “primitiva”.

E... como a razão de vivermos.